

Modernização Agrícola e Dinâmica Urbana na Amazônia: o caso de Paragominas/PA

Resumo

O presente trabalho investiga as transformações da relação entre campo e cidade em função da implementação das novas técnicas no setor agrícola e as mudanças que a modernização agrícola vem provocando na atividade terciária de Paragominas. A expansão do meio técnico-científico-informacional no meio rural dinamizou paralelamente o setor terciário. As novas formas de produção têm sido acompanhadas por novos padrões de consumo, que nem sempre estão associados à realidade produtiva imediata. Ao mesmo tempo em que se intensificam as relações por meio da agricultura moderna, registra-se, o aumento da desarticulação entre campo e cidade. Nesse sentido, é urgente a adoção de um enfoque integrado do urbano e do rural, envolvendo a participação do poder público, da sociedade civil e das pessoas diretamente inseridas nessa realidade. A agricultura moderna em Paragominas tem sido uma atividade econômica longe de ser positiva quanto à geração de emprego e renda para a maioria da população, quanto à sustentabilidade ambiental em longo prazo e quanto à equalização da riqueza gerada na região.

Introdução

O avanço do meio técnico-científico-informacional vem impondo profunda mudança socioeconômica e espacial no meio agrário amazônico, particularmente, na agricultura. Essa reestruturação produtiva e reorganização espacial objetiva ampliar os ganhos do grande capital nacional e multinacional.

A região Amazônica vem se inserindo nessa nova organização espacial, podendo ser destacados alguns espaços dinâmicos, caracterizados pela adoção de um modelo racional e competitivo na agricultura. Esses espaços têm presenciado intenso processo de reestruturação sócio-econômica, com destaque para as modernas técnicas produtivas e ampliação da relação campo e cidade.

Nesse contexto, o presente trabalho investiga as mudanças socioeconômicas que a modernização agrícola vem provocando no espaço urbano de Paragominas. Busca-se identificar a especificidade da relação entre campo e cidade em função da implementação das novas técnicas no setor agrícola e compreender as mudanças que a modernização agrícola vem provocando na atividade terciária de Paragominas.

O estudo das atividades terciárias, especialmente do comércio, justifica-se por permitir maior entendimento do espaço urbano, uma vez que o comércio e a cidade são elementos inseparáveis. Conforme Pintaudi (2005), a atividade comercial está diretamente relacionada à essência do urbano e seu conhecimento mais detalhado possibilita maior entendimento do espaço e das relações sociais na cidade. Assim, as relações comerciais são, a princípio, relações sociais. Nesse sentido, o estudo do comércio permite analisar as formas espaciais estabelecidas pelas relações sociais, possibilitando compreender as transformações que ocorrem no espaço urbano a partir das mudanças no modo de produção das mercadorias no campo.

O município de Paragominas manifestou características importantes que determinaram a escolha da área para estudo. Pode-se mencionar o fato de apresentar um período relativamente maior da presença da soja em sua economia, de 1997 até 2003 foi o município no Estado do Pará que apresentou maior produção desse grão - a produção do município de Santarém somente superou Paragominas a partir do ano de 2004; ser o pólo de produção da agricultura moderna na região, sediando as pesquisas biotecnológicas da EMBRAPA, que desenvolve cultivares de soja para a região; e por apresentar um crescimento mais consistente, apoiado pela integração das instituições que operacionalizam a política agrícola do município.

Outro fator é o grande potencial de expansão do município, devido à posição espacialmente estratégica, mais próximo dos mercados consumidores; apresenta condições ambientais favoráveis, clima, solo e relevo favorecem a produção agrícola mecanizada em larga escala; oferece baixa resistência social, ou seja, pouca ação direta dos movimentos ambientalistas, se comparado a Santarém, outro grande pólo produtor no Estado. Outra característica importante é o fato de a economia do município encontrar-se em momento de estagnação, em decorrência da crise do setor madeireiro. Dessa forma, mais propensa às inovações produtivas.

Procedimentos Metodológicos

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado levantamento bibliográfico e documental. A pesquisa direta na área de estudo compôs-se num elemento fundamental da metodologia adotada, visto ser nosso propósito oferecer uma interpretação da realidade econômica, social e das novas formas de espacialização inerentes ao avanço da modernização agrícola. Acrescenta-se que o contato direto com a realidade pesquisada favorece uma elaboração teórica mais consistente.

O material coletado foi analisado tendo em vista a abordagem qualitativa. As entrevistas adotadas nessa pesquisa foram todas do tipo não-estruturada. Conforme Lakatos e Marconi (2003), essa entrevista permite ao entrevistador maior liberdade de desenvolver cada situação na direção mais adequada, possibilita explorar mais amplamente uma questão, as perguntas podem ser respondidas dentro de uma conversa informal. O entrevistado tem toda liberdade de expressar suas opiniões e sentimentos, cabe ao entrevistador levar o informante a falar sobre determinado assunto.

Para o estudo da dinâmica econômica de Paragominas, foram realizados levantamentos do desempenho quantitativo e qualitativo da produção agrícola moderna, especialmente do modelo produtivo processador de grãos (soja, arroz e milho), que se apresenta inserido nos novos processos de competitividade internacional. Para tanto, fez-se necessário realizar levantamento no IBGE quanto à produção agrícola municipal e, principalmente, verificar entendimento da agricultura moderna com produtores, comerciantes e prestadores de serviço especializados, representantes de instituições públicas e imobiliárias, por meio de entrevistas aplicadas de forma aleatória.

Para compreender a repercussão que a reestruturação na base técnica no campo impõe ao terciário da cidade, foram realizados levantamentos de dados das atividades terciárias em

período concomitante à análise realizada no setor agrícola. A consulta aos estabelecimentos associados à Câmara de Dirigentes e Lojistas (CDL) de Paragominas e a análise dos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços existentes e constituídos no município no período de 2000 a 2005 registrados na Junta Comercial do Estado do Pará (JUCEPA) são adotados como indicadores da dinamicidade do terciário. O quantitativo de estabelecimentos surgidos nos últimos anos foi relevante para análise do incremento do terciário na cidade, especialmente a partir de 2002, momento que em a produção de soja apresentou um rápido crescimento na região.

O cruzamento de informações provenientes de diversas fontes foi extremamente enriquecedor para a pesquisa, pois possibilitou a consolidação dos dados entre si, a descoberta de novas questões, além das inicialmente previstas, propiciaram um maior número de relações entre os fatores envolvidos na temática de investigação, dando-lhe maior clareza. Os resultados da coleta de informações, por meio de diferentes fontes, passarão a ser apresentados e analisados nas partes subseqüentes deste estudo.

Repercussão das atividades modernas na relação campo e cidade na Amazônia

A agricultura moderna vem impondo profundas mudanças no espaço agrário, voltadas especialmente para o desenvolvimento do modelo empresarial na agricultura, tais mudanças refletem na redefinição de importantes elementos na organização socioeconômica e espacial. Resulta de um grau de crescimento econômico impressionante, consubstanciado pela expansão do meio técnico-científico-informacional, disseminado por meio da nova lógica do capital, que absorve novos lugares e impõe as regras da produção competitiva, objetivando por meio da reestruturação produtiva e reorganização espacial ampliar os ganhos do grande capital nacional e multinacional.

A região amazônica vem se inserindo nessa nova organização espacial, podendo serem destacados alguns espaços dinâmicos, como o norte do Estado de Mato Grosso, os Estados do Tocantins, Maranhão e Rondônia, os cerrados dos Estados do Amazonas e Roraima e a região sudeste do Estado do Pará, caracterizados pela adoção de um modelo racional e competitivo na agricultura (BECKER, 2004, 2005). Alvo de diversos investimentos, esses espaços têm presenciado intenso processo de reestruturação socioeconômica, com destaque para as modernas técnicas produtivas, rompimento com as práticas de trabalho agrícola tradicional e ampliação da relação campo e cidade.

As transformações ocasionadas no campo vão conduzir a uma melhoria nos fixos e a uma dinamização nos fluxos; tais mudanças serão refletidas de maneira intensa no espaço

urbano. Esse espaço também expressará tanto a dinamização econômica, tornando as cidades locais o centro da gestão e circulação das riquezas originadas no campo, como das contradições geradas por formas desiguais de produção no campo. Pereira Júnior (2005) aponta transformações expressivas ocorridas no espaço urbano decorrentes da modernização agrícola. Apesar do aspecto dinamizador da economia, o autor não deixa de mencionar as conseqüências advindas da reestruturação socioespacial, particularmente, o incremento populacional decorrente do intenso fluxo migratório, atraídos pelas promessas de uma melhoria da condição de vida e oportunidade de emprego.

À medida que o campo se moderniza, requerendo um conjunto de infra-estruturas para produção, o mecanismo territorial da oferta e demanda de bens e serviços tendem a ser significativamente maior. Com a modernização do campo, o consumo produtivo tende a se ampliar e a representar uma parcela expressiva das trocas entre os lugares da produção agrícola e as cidades.

Com a modernização do campo com o uso intenso de ciência e novas técnicas, a cidade local torna-se o lugar de regulação do que se faz no campo, sendo necessário dar respostas imediatas às demandas do mundo rural. Nesse sentido, referindo-se à cidade local, Santos (2005) destaca sua importância na divisão do trabalho agrícola, em função das exigências do campo. Ressaltando toda reestruturação imposta a essas cidades, afirma que “(...) tudo isso faz com que a cidade local deixa de ser a cidade no campo e transforme-se na cidade do campo” (SANTOS, 2005, p. 57).

A cidade do campo passa a desempenhar um papel de intensa interação, proporcionando agilização na produção, circulação, consumo, respondendo também pela crescente urbanização, porque aumenta a quantidade de agricultores que residem nas cidades. Paralelamente, essas cidades passam a abrigar grandes problemas sociais, como a falta de emprego ou formas precarizadas de ocupação.

Isso ocorre, também, pelo fato das cidades locais serem criadas muito mais para servir à produção agrícola da região do que precisamente à sua população. Como conseqüência, observa-se uma grande metamorfose e o crescimento das cidades próximas às produções agrícolas modernas, o que conduz a um novo patamar das relações de campo e cidade, podendo ser notado mediante os círculos de cooperação estabelecidos entre os dois espaços (ELIAS, 2003a, 2003b).

A modernização agrícola impõe novas relações entre a cidade e o campo, redefinindo o consumo no campo, atendendo às demandas até então inexistente, adaptando as cidades ao tipo de consumo exigido pelas produções agrícolas mais próximas. Concomitantemente, é a

cidade que realiza toda a regulação necessária à vida no campo, dando-lhe respostas cada vez mais rápidas.

É importante ressaltar que na Amazônia o novo cenário urbano-rural imposto pela modernização do campo, como anteriormente exposto, só recentemente tem se configurado, pois, como diversos autores afirmam, as cidades desempenharam papel primordial no processo de ocupação e avanço das frentes de expansão. Cumpre mencionar que, num primeiro momento, as cidades possuíam maior poder de influência sobre o campo, configurando-se como os nós com função de controle dos assalariados, sustentando a mobilidade sem dar-lhes acesso à propriedade da terra, tornando-se a atração dos fluxos migratórios, a organização do mercado de trabalho e o controle social (RIBEIRO, 2001; BECKER, 2001; MACHADO, 1990; OLIVEIRA, 2000).

Apesar dessas fronteiras já nascerem urbanas em função do papel que as cidades desempenhavam na região, a partir da implementação da agricultura moderna esse processo se acentua, em decorrência da atratividade que essa nova atividade exerce e das relações que passam a se configurar.

Nesses termos, essas cidades transformam-se no lugar da confluência entre o sistema local de produção e o comércio internacional manipulado pelas multinacionais, lócus das forças transformadoras que chegam e das que resistem, e concretiza um modelo contraditório, desencadeado a partir do campo, assinalado tanto pela modernidade seletiva extremamente privilegiadora, como pela constante luta entre o novo e o velho e no rearranjo do espaço urbano, materializando os elementos da reestruturação produtiva e territorial imposta pela agricultura moderna.

A urbanização e o deslocamento populacional para Amazônia foram elementos da criação de um mercado de trabalho ao modo capitalista, e confere às cidades o mecanismo de apoio à arremetida ação do capital, “a cidade se configura como lócus de concentração de mão-de-obra no espaço para o momento em que as atividades produtivas capitalistas que se iniciavam na Amazônia dela precisassem” (SOUZA, 2000, p. 84).

Um mercado de trabalho composto por uma força de trabalho extremamente flexível e de alta mobilidade, conduz a uma precária mobilização, sendo as cidades os únicos espaços de ressocialização dos migrantes e de possibilidade de inserção no mercado de trabalho (BECKER, 1990).

A implantação dos grandes projetos de exploração nessa região criou condições potenciais para o avanço da agricultura moderna, que agora possui à sua disposição um

mercado de trabalho adaptado à lógica capitalista de produção, marcado; em especial pelo excedente da força de trabalho.

Sem hesitação, pode-se afirmar que a atividade agrícola moderna tem proporcionado grande dinamização das economias regionais. No entanto, é válido ressaltar que a reestruturação sócio-econômica e espacial conduzida por este processo, tem levado, entre outras conseqüências, ao estrangulamento do tecido urbano por meio do intenso processo migratório, formas precárias de ocupação dos trabalhadores temporários no período da entressafra, além do caráter não emancipatório do trabalhador e a internalização dos benefícios e a socialização dos custos sociais, econômicos e ambientais.

Como as cidades tendem a expressar tanto a riqueza como as contradições geradas no campo, o que vemos hoje nessas cidades locais nada mais é do que reflexo do desenvolvimento paradoxal desencadeado a partir de políticas efetivadas no campo. Diante desse contexto de modernização as cidades nessa região se tornam, além do mencionado elemento na efetivação da expansão do capital, o ponto de refúgio, o único apoio para uma massa desterritorializada. “Continua sobrando gente no vazio”.

Dinâmica Contraditória: a (Des)Articulação entre Campo e Cidade

Torna-se extremamente contraditória a relação entre campo e cidade na Amazônia com o avanço da agricultura moderna. Ao mesmo instante em que se registra um aumento dos modernos fluxos entre campo e cidade, acentuam-se as desarticulações entre os espaços rural e urbano. Cada vez as cidades amazônicas dependem menos das áreas rurais próximas, seus mercados estão ficando menos acessíveis às mercadorias produzidas em seu espaço rural.

Coelho (1998) associa essa nova dinâmica ao aumento do fluxo dessas cidades com outras regiões do país, “a crescente facilidade de comunicação fez com que seus mercados, supermercados e feiras fossem abastecidas pelas mercadorias oriundas de áreas situadas a longa distância” (COELHO, 1998, p. 52). A autora afirma que até nas cidades pequenas e povoados, os camponeses vem encontrando pouco espaço para a troca ou venda de seus produtos, tendo que competir com caminhões que trazem mercadorias de áreas mais distantes, e às vezes, até mais barato. Essa mudança de consumo se deve evidentemente à mudança de hábito da população, provocado por uma nova ideologia de consumo, desvinculada da realidade local e associada aos grandes centros.

Por outro lado, práticas de produção totalmente desvinculadas da realidade local e destinadas a atender a mercados distantes se proliferam em ritmo espantoso, tendo amplo apoio do poder público local, estadual e da sociedade local.

Machado (1998) aponta outros fatores que acentuam a contradição entre os espaços urbano e rural na Amazônia. A principal diretriz defendida pelo autor concerne ao descaso ao meio rural, à inexistência de políticas públicas e de ações governamentais voltadas a esse espaço, atendendo superficialmente suas demandas e necessidades. Conseqüentemente, a ausência de infra-estrutura e serviços que propiciem uma boa qualidade de vida elimina as expectativas dos moradores do campo e motiva a migração para as cidades, ocasionando nesse espaço uma série de problemas sociais, econômicos e ambientais.

O campo perde famílias tradicionais e passa a ser ocupado por outras sem enraizamento local e sem vínculo cultural com o lugar. A falta de enraizamento no meio rural em que vivem possibilita a expansão de atividades produtivas voltadas aos padrões de racionalidade capitalista, sem maiores compromissos com a conservação ambiental, gerando conseqüentemente ações agressivas ao ambiente natural, ampliando assim a desarticulação entre campo e cidade (MACHADO, 1998).

O autor afirma que a saída de famílias tradicionais do campo, também ocasiona o rompimento de costumes, culturas, e tradições dessas pessoas, além da perda de saberes tradicionais dos recursos naturais. Essa desarticulação da produção local cria ambiência para a implantação dos novos processos produtivos baseados na competitividade internacional, inserindo-se no ordenamento criado pelas práticas globais de ampliação da rentabilidade capitalista, disponível a satisfazer as necessidades da acumulação ampliada do capital, destacando a produção de grãos, especialmente a soja.

Sob esse novo padrão produtivo e do comando da ideologia dominante, ocultam-se as realidades locais e descaracteriza-se a história de vida dessas populações, desarticulando a relação entre campo e cidade na Amazônia com conseqüências em ambos os espaços. Dessa forma, as cidades da Amazônia passaram a se constituir em pólos concentradores de problemas sociais deixados pelo insucesso dos projetos de desenvolvimento.

Lucidéia Santos (1998) pontua preocupações prioritárias na integração rural-urbana na Amazônia, como o baixo nível tecnológico e a pouca qualidade da produção local, a pobreza existente tanto no campo como na cidade, o rompimento da identidade cultural campestre, a carência de políticas públicas na valorização do espaço rural e o fato de grande parte das pessoas que trabalham na elaboração de políticas públicas não conhecerem a realidade do interior e nem os verdadeiros anseios dessa população, tendo muitas vezes uma concepção estereotipada sobre esse espaço.

Para promover o desenvolvimento da Amazônia é preciso adotar um enfoque que integre igualmente os espaços rural e urbano. A inserção dos componentes históricos, a

mobilização e fortalecimento da sociedade civil, a urgente implementação de infra-estrutura básica que propicie melhor qualidade de vida para a população do campo e da cidade, a valorização da produção local, mudança da cultura do desperdício e consumista das cidades são, entre outros, desafios a serem vencidos e que são pontuados pela própria reflexão da sociedade da Amazônia (MACHADO, 1998).

Modernização Agrícola e a Nova Dinâmica Territorial em Paragominas/PA

Com o declínio da pecuária e da crise das madeireiras em Paragominas, houve uma busca de alternativas para a economia da região. Dessa forma, incentivou-se a prática da agricultura moderna, tendo a soja como possibilidade de aquecimento da economia local. Mesmo não registrando uma produção tão elevada em comparação às regiões de grande produção de grãos, como os cerrados da região Centro-Oeste, a produção de grãos nos moldes modernos passou a ocupar uma posição de destaque na economia de Paragominas, particularmente pela crise deixada pelos ciclos anteriores.

A partir de 1997, iniciam-se experiências com o cultivo de soja nesse município, mas é a partir de 2002 que a atividade começa a demonstrar maior representatividade, tanto no município sede como na microrregião de Paragominas no todo. A produção de soja dos municípios de Paragominas, Ulianópolis e Dom Eliseu em 2005 ultrapassou a cifra de 50.000 toneladas, crescimento vertiginoso para uma região que demonstrava uma tímida produção até o ano de 2001 (IBGE, 2006). O aumento de produção tem sido acompanhado por um aumento da área plantada; a proporção mantida na evolução dessas duas variáveis leva a afirmar que a produção tem se efetivado desde o início com elevada aplicação tecnológica, resultando na alta produtividade.

A produção agropecuária de Paragominas tem registrado crescimento significativo na participação no Produto Interno Bruto (PIB) do município. A partir de 1998, a produção de riqueza gerada pelo setor supera a produção industrial e os serviços, representando, no ano de 2003, 46% do PIB do município. Desde o ano de 2003, esse setor tem registrado um ritmo mais acentuado de crescimento, reflexo claro da implementação das modernas técnicas de produção agrícola, especialmente a produção de grãos em larga escala, como milho, arroz e soja (PARÁ, 2006).

A inserção do município de Paragominas nos novos processos de competitividade internacional representa também sua inclusão no ordenamento criado pelas práticas globais de ampliação da rentabilidade capitalista, estabelecendo no município os referenciais de

mundialização das trocas, sempre dispostos a satisfazer as necessidades da acumulação ampliada do capital.

Ao reduzir as formas tradicionais de produção agrícola, como as de subsistência, a agricultura moderna e os empreendimentos envolvidos nesse novo modelo estabelecem laços de integração e dependência com as mais variadas regiões do mundo, evidenciando que os novos sistemas de técnicas desempenham cada vez mais um número maior de fluxos com o município, relacionando novos valores à organização econômica e social dos espaços urbano e rural de Paragominas.

O espaço rural desse município, por estar sofrendo investimento de cunho capitalista, acaba ganhando mais forças para dinamizar a economia da cidade, dando a ela uma maior variedade de formas, funções e produtos. A quantidade e variedade de bens e serviços produzidos na cidade vão aumentando em função do incremento da atividade agrícola moderna.

O aumento das atividades terciárias nos últimos anos em Paragominas tem sido significativo. Esse crescimento se registra tanto no comércio consuptivo e produtivo, como na prestação de serviços, demonstrando grande identidade com os novos padrões de produtividade da moderna produção de grãos.

O grande percentual de estabelecimentos comerciais, como supermercados, armazéns e lojas de confecções, associados à Câmara de Dirigentes e Lojistas (CDL) de Paragominas, revela um comércio varejista movimentado, indicando também o fortalecimento do consumo consuptivo. Nesse comércio varejista, ressalta-se a existência de boutiques de roupas e calçados refinados, perfumaria e acessórios, que indicam a modernidade do consumo na cidade.

A presença de galerias como Via Center Shopping, Small Shopping, Shopping Galerias, consideradas pela comunidade local como *shopping centers*, reforçam o perfil de consumo moderno, que se evidencia pelo uso de inovação técnica, pela informatização, pelo parcelamento e vendas no cartão de crédito. Apesar de esses estabelecimentos não serem tão expressivos como os de grandes centros, concentram parte significativa do comércio de luxo e ditam a moda de vestuário na cidade. Esses pequenos templos modernos do consumo mudam os hábitos e costumes, em especial da elite local, adequando-se aos novos padrões de consumo de massa. Refletem também a existência do alto poder aquisitivo de uma parcela da população.

Esse novo modelo de consumo que vem sendo instaurado em Paragominas, como nos grandes centros, impõe falsas necessidades como se fossem naturais, levando ao que Denise

(2003) define como o ópio da sociedade moderna, ou seja, um consumo contagiante e destituído das legítimas necessidades locais, muito mais vinculado à aparência e à forma que ao conteúdo dos objetos. A presença de academia de ginástica reforça a supremacia da aparência e do comportamento associado aos padrões de beleza ditados pelo mercado da moda e da aparência.

Os supermercados de porte relativamente grande como Universo, Liberdade e Aliança são responsáveis por grande parte dos alimentos comercializados na cidade. Contraditoriamente ao incremento das relações entre campo e cidade em função do processo de modernização agrícola, registra-se uma desarticulação entre a produção das áreas rurais próximas com as mercadorias comercializadas nos supermercados de Paragominas. Alimentos produzidos em grande escala no município, como o arroz, são adquiridos em outras regiões, enquanto a produção local é exportada e posteriormente beneficiada. Conforme pontua Coelho (1998), os mercados das cidades amazônicas estão ficando menos acessíveis às mercadorias produzidas em seu espaço rural.

A recente implantação de supermercados em Paragominas, como é o caso do moderno Armazém Aliança, instalado em fevereiro de 2006, tem contribuído para a concentração financeira e territorial, pois passam a concentrar no domínio de poucas pessoas ou grupos empresariais e em um único local a atividade comercial de mercadorias, antes dispersa no espaço, especialmente pelo centro econômico da cidade, e constituída de pequenas atividades comerciais, geralmente com emprego de pouco capital.

O setor de móveis e eletrodomésticos também vem se sobressaindo entre as atividades do terciário local. Grupos de lojas especializadas no setor são implantados na cidade, como estabelecimentos tanto de investimentos locais, como filiais de grandes redes estaduais. Empresas como F. Alves, Esplanada, Armazém Paraíba, Liliani, entre outras, acrescentam-se aos estabelecimentos de capital local na busca desse mercado, adotando estratégia simples e eficiente: atender à população em geral, com grande variedade de produtos domésticos, utilizando as mais diversas formas de pagamento.

Comércio produtivo inerente à produção agrícola moderna cada vez mais dinâmica sinaliza a intensificação dos fluxos entre campo e cidade, pois, à medida que o campo vem se modernizando, estão sendo criadas novas formas de consumo produtivo, particularmente pela incorporação de ciência, tecnologia e informação às áreas rurais. Essas passam a exigir maior necessidade de máquinas, implementos, insumos materiais e intelectuais, para que possibilite ampliar a competitividade e conseqüentemente os ganhos financeiros. Nesse sentido, lojas de

produtos agropecuários como Uniceres, Coopal, Juparanã começam a adequar-se à tal exigência, na busca de assegurar e ampliar o mercado consumidor.

Nesse sentido, é relevante mencionar que o comércio produtivo em Paragominas tem passado não apenas por um significativo incremento quantitativo, mas principalmente por transformações qualitativas. É preciso compreender as novas funções que os estabelecimentos antigos passam a desempenhar recentemente ao procurar atender às demandas da moderna atividade agrícola. As casas do ramo de produtos agropecuários têm apresentado um perfil cada vez mais específico, mais direcionado à demanda da agricultura moderna produtora de grãos.

Também surgem novos estabelecimentos especializados, objetivando atender às necessidades de cada produtor agrícola, que requerem quantidades e qualidades precisas de insumos materiais e informacionais em cada fase do processo produtivo, é o caso de estabelecimentos instalados mais recentemente, como a empresa Terra Agrícola, dedicada à venda de sementes de soja, que fornece também todos os insumos para a produção, além de assistência técnica especializada. Inova o setor por apresentar grande diversidade de sementes que atende à necessidade de cada produtor, indo das variedades rústicas às mais versáteis.

É crescente o número de estabelecimentos que comercializam peças, acessórios, implementos e máquinas agrícolas e que também prestam serviços de manutenção em maquinário. Isso demonstra que o comércio produtivo da cidade guarda forte relação com o recente processo de modernização agrícola.

Merece destaque o surgimento de estabelecimentos que comercializam maquinário agrícola. De acordo com Denise (2003), um dos melhores indicadores do processo de modernização agrícola é, particularmente, o uso de tratores, pois estes viabilizam o uso de vários implementos e possibilitam todo o trato com a terra.

O dinamismo presente no terciário de Paragominas ratifica sua posição de centro polarizador perante os demais municípios da região. A centralização de municípios próximos, conseqüentemente, implica maior fluxo de mercadorias, de pessoas e de informações, o que contribui para fortalecer uma densa rede estabelecida entre Paragominas e municípios como Ulianópolis, Dom Eliseu, Ipixuna do Pará e Nova Esperança do Piriá. A intensificação dos ritmos e a centralização de associações comerciais, entre outras, aumentam a extensão e área de influência regional, atingindo municípios como Mãe do Rio, São Miguel do Guamá e Goianésia.

A intensa movimentação do terciário centraliza não só o fluxo da rede regional, como também afirma o fluxo da produção regional com o mercado internacional, especialmente

quanto à presença de grandes empresas multinacionais como a John Deere, Bunge Fertilizantes, Massey Ferguson, além da diversidade de estabelecimentos dedicados à comercialização de insumos agrícolas.

Além de uma demanda de consumo orientada para o processo produtivo, deve-se destacar que a moderna produção agrícola, especialmente a sojífera, é geradora de grandes rendas. Mas, conforme pontua Freire Filho (2005), essa renda encontra-se geralmente concentrada nas mãos de poucos, entre eles os produtores, prestadores de serviços e mão-de-obra especializada, que por sua vez, demandarão um consumo de artigos e serviços de alto valor.

De acordo com informações fornecidas pela Junta Comercial do Estado do Pará (JUCEPA), têm-se registrado, nos últimos anos, o surgimento de empresas de prestação de serviços relacionadas à agricultura moderna, como serviços de pulverização de lavoura, de colheita mecanizada, de manutenção e reparo de tratores agrícolas, assessoria às atividades agrícola e pecuária, aluguel de máquinas e equipamentos agrícolas, entre outros. É digno de nota o surgimento dos serviços de secagem e armazenamento de grãos, particularmente milho e soja, prestados por empresas como a Juparanã e a Paragro. Porém, essa é uma das infra-estruturas deficientes na região.

Além dessas atividades, percebe-se o aumento da prestação de serviços indiretamente ligados ao agronegócio: atividades de contabilidade e auditoria contábil, serviços advocatícios, seleção e agenciamento de mão-de-obra, cursos de idiomas, transporte rodoviário de cargas intermunicipal, interestadual e internacional. São serviços que demonstram o aumento na dinamicidade da região e a conectividade com outros espaços e economias.

É válido mencionar que, além do aumento quantitativo da prestação de serviços voltados direta ou indiretamente à agricultura moderna, tem ocorrido o surgimento de atividades totalmente inovadoras na região, como serviços de publicidade e propaganda, pesquisa de mercado e de opinião pública, instalação de anúncios e serviços gráficos, os quais passam a apoiar as atividades comerciais.

O aumento da competitividade e da busca por mercado consumidor tem levado as empresas a se preocuparem com a qualidade e eficiência de seus serviços e produção de suas mercadorias, que é notado por meio do crescimento no treinamento em desenvolvimento profissional e gerencial, atividades de assessoria em gestão empresarial, serviços administrativos para terceiros, entre outros.

A inovação também tem ocorrido no meio técnico e serviços especializados, como desenvolvimento de programas e cursos de informática, consultoria em hardware, serviços técnicos de engenharia, serviços técnicos de cartografia, topografia e geodésia, desenho técnico especializado e desenvolvimento de projetos agropecuários. Dado o caráter de especificidade e de suporte operacional, essas atividades refletem o grau de influência da atividade agrícola moderna na cidade, que passou a partir de então a necessitar de mais fluxo informacional e eficiência de gestão, da mesma forma que o comércio também se torna mais movimentado e competitivo.

Toda essa transformação presenciada pela atividade agrícola e terciária evidencia a consolidação do meio técnico-científico-informacional na região. Esse cenário se efetiva por meio da produção científica voltada ao setor agrícola moderno. A EMBRAPA da Amazônia Oriental possui desenvolve no município, pesquisa os cultivares de soja que melhor se adapta às condições edafoclimáticas da região. As pesquisa biotecnológica, revela a exigência do novo modelo produtivo por serviços e informações especializados.

De acordo com Pintaudi (2005), as relações comerciais sempre envolveram algo além do mero ato de comprar e vender e se constituíram num mecanismo de integração de relações sociais estabelecidas no cotidiano. A atividade comercial em Paragominas, possuía na sua forma anterior, grande capacidade de atrair para um mesmo lugar pessoas de diversas classes sociais, que de alguma forma estavam em contato. No entanto, o que se registra com as últimas transformações é o aumento da segregação econômica e do acesso aos estabelecimentos; assim, fragilizam-se os laços entre as pessoas e rompem-se relações com os antigos lugares. Nesse sentido, transformações nas formas comerciais indicam formação de novos espaços, nova paisagem urbana e novas relações sociais.

Considerações Finais

A expansão do meio técnico-científico-informacional no meio rural da região de Paragominas ocorreu orientada pelos setores econômicos e sociais hegemônicos. Dessa forma, têm sido gerados graves desequilíbrios socioeconômicos, uma vez que foram privilegiadas as atividades associadas ao circuito superior da economia. Um dos reflexos desses desequilíbrios é a reestruturação da cidade de forma corporativa, transformando-se em lugar de regulação da atividade agrícola moderna, em que a implantação dos equipamentos urbanos visa principalmente a tender às necessidades do grande capital e secundariamente às questões sociais.

O avanço do meio técnico-científico-informacional ocasionou o aumento do consumo consumptivo instituído por meio do crescimento populacional e do consumo de massa, como também do consumo produtivo, particularmente associado à produção agrícola moderna. A implantação de estabelecimentos sofisticados evidencia o crescimento de um mercado consumidor de alto poder aquisitivo. No entanto, paralelamente ao crescimento econômico, tem ocorrido a concentração da renda por um pequeno número de empresas.

Tornou-se notória a existência de um setor terciário voltado à agricultura moderna, estabelecimentos especializados na comercialização de insumos, implementos e maquinário agrícola; serviços de secagem e armazenamento; consultorias; serviços técnicos especializados; entre outros. O crescimento desses estabelecimentos reflete a intensa relação instituída entre o campo e a cidade, são demonstrações de que as atividades desenvolvidas no campo estão cada dia mais dependentes da gestão e produtos oriundos da cidade; por sua vez, esta também se encontra mais vinculada à produção que vem do campo.

No entanto, no caso amazônico, particularmente Paragominas, essa intensificação das relações não tem atingido todas as esferas entre campo e cidade, demonstrando-se contraditória. Ao mesmo tempo em que se intensificam as relações por meio da agricultura moderna, registra-se o aumento da desarticulação entre campo e cidade. A cidade de Paragominas depende cada vez menos das áreas rurais próximas, seus mercados estão se tornando menos acessíveis aos produtos do seu espaço rural. Isso ocorre em função do grande fluxo de mercadorias originárias de outras regiões. Todavia a produção totalmente desvinculada da realidade local e orientada a atender a mercados distantes se expande rapidamente.

Nesse sentido, é urgente a adoção de um enfoque integrado do urbano e do rural, envolvendo a participação do poder público, da sociedade civil e das pessoas diretamente

inseridas nessa realidade. É ainda vital a implementação de infra-estrutura básica possibilitando melhorar a qualidade de vida tanto no espaço urbano como no rural, valorizar a produção local e o espaço rural, agregar tecnologia à produção familiar, melhorar a qualidade da produção local, ampliar a geração de renda e emprego, fortalecer a identidade da cultura campesina e investir maciçamente em educação e qualificação profissional em ambos os espaços.

As novas formas de produção em Paragominas têm sido acompanhadas por novos padrões de consumo, que nem sempre estão associados à realidade produtiva imediata, muito pelo contrário, atendendo a interesses distantes, aderem ao lugar como uma *prótese*, criando falsas necessidades. A incorporação de uma nova lógica de consumo criada pela ideologia dominante em Paragominas é materializada, entre outras formas, pelas modernas boutiques, galerias e pequenos shoppings. O aumento desses estabelecimentos ratifica a dinâmica imposta pelos novos fluxos informacionais, mesmo mecanismo adotado para preparar o ambiente para introdução das novas formas de produção.

A agricultura moderna, da forma como é implementada na região, continua sendo uma atividade econômica longe de ser positiva quanto à geração de emprego e renda para a maioria da população, quanto à sustentabilidade ambiental em longo prazo, e por último, mas e não menos importante, não é uma atividade capaz de proporcionar equalização da riqueza gerada na região.

Referências Bibliográficas

BECKER, B. A fronteira urbana e a mobilidade do trabalho. In: _____. *Amazônia*. São Paulo: Ática, 1990. p. 44-64.

_____. *Amazônia: desenvolvimento e soberania*. In: REZENDE, F.; TAFNER, P. (Orgs.). *Brasil: o Estado de uma Nação*. São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA, 2005. p. 201-249.

_____. *Amazônia: Geopolítica na virada do III milênio*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. Revisão das políticas de ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários? In: MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA (MCT) – Centro de Estudos Estratégicos (CEE). *Parcerias e Estratégias*. Brasília, MCT/CEE, n. 12, set. 2001. p. 135-159.

CDL, CÂMARA DE DIRIGENTES LOJISTAS DE PARAGOMINAS. Estabelecimentos associados à Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Paragominas. Paragominas, junho de 2006. (Impresso).

COELHO, M. C. N. Cidades da Amazônia em busca de novas interpretações e novos rumos. In: FATHEUER, T.; ARROYO, J.C.; MACHADO, J.A.C. *Amazônia: estratégias de desenvolvimento sustentável*. Belém: NAEA/UFPA, 1998.

ELIAS, D. Agricultura científica no Brasil: impactos territoriais e sociais. In: SOUZA, M. A. A. (Org.). *Território brasileiro: usos e abusos*. Campinas: Edições Territorial, 2003a. p. 315-340.

_____. *Globalização e agricultura*. São Paulo: EdUSP, 2003b. (Coleção Campi; 21)

FREIRE FILHO, O. L. Hierarquia urbana e modernização da agricultura. In: BERNARDES, J. A.; FREIRE FILHO, O. L. (Orgs.). *Geografias da soja: BR-163, fronteira em mutação*. Rio de Janeiro: Arquimedes, 2006. p. 57-76.

GONÇALVES, C. W. P. *Amazônia, Amazôniaas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. (Coleção Caminhos da Geografia).

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Produção agrícola municipal. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 27 mai. 2006.

JUCEPA, Junta Comercial do Estado do Pará. Lista das empresas existente no município de Paragominas em 2005, Belém, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003

MACHADO, J. A. C. As raízes rurais da insustentabilidade urbana na Amazônia: uma repetição com outro enfoque. In: FATHEUER, T.; ARROYO, J.C.; MACHADO, J.A.C. *Amazônia: estratégias de desenvolvimento sustentável*. Belém: NAEA/UFPA, 1998.

MACHADO, L. O. Significado e configuração de uma fronteira urbana na Amazônia. In: BECKER, B. K.; MACHADO, L. O.; MIRANDA, M. *Fronteira amazônica: questões sobre a gestão do território*. Brasília: UnB, 1990. p. 116-130.

OLIVEIRA, J. A. O horizonte das cidades na selva. In: _____. *Cidades na selva*. Manaus: Valer, 2000. p.181-206.

PEREIRA JÚNIOR, E. Agricultura moderna e reestruturação do espaço urbano. In: Simpósio de Geografia Urbana-SIMPURB, 9, 2005, Manaus. *Anais*. Manaus: AGB-UFAM, 2005. p. 01-18.

PINTAUDI, S. M. A cidade e as formas do comércio. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). *Novos caminhos da Geografia*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2005. (Coleção Caminhos da Geografia).

SANTOS, L. O. A integração rural-urbana e a sistematização de sua agenda. In: FATHEUER, T.; ARROYO, J.C.; MACHADO, J.A.C. *Amazônia: estratégias de desenvolvimento sustentável*. Belém: NAEA/UFPA, 1998.

SANTOS, M. *A urbanização brasileira*. 5. ed. São Paulo: EdUSP, 2005.

SOUZA, Carlos Augusto da Silva. Ocupação e modernização no Estado do Pará. In: _____. *Urbanização na Amazônia*. Belém: UNAMA, 2000. p. 67-110.